

## FLORINHA DO MÊS DE OUTUBRO

A primeira “florinha”, deste mês de outubro, vai nos levar até Goa, Índia.

Naquele tempo também grassava uma pandemia. Na linha da frente estavam as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, com o consentimento da Fundadora, Irmã Maria Clara, cheias de coragem que lhes vinha da disposição interior de ser e viver como menores, hospitaleiras e mães, dando a própria vida.

*«Conta-se que, num edifício de triste e sombria aparência, onde a dor e a morte espalham o terror, estavam as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras à cabeceira dos infelizes, a quem a varíola afastou para longe dos seus. Sem receio do contágio, ocupavam-se daquelas pessoas de saúde frágil, abandonadas pela própria família. A polícia era quem as conduzia a um local chamado Lazareto, para receberem os cuidados de saúde. Mas ali eram tratados de forma lamentável.*

*Logo que as Irmãs souberam do que se passava, ofereceram ao Governador os seus préstimos no Lazareto. Imediatamente foram aceites. Lá foram elas, cheias de alegria e entusiasmo, ao encontro do Esposo de mil rostos, viver a proximidade com os infetados pela varíola. O enfermeiro, da porta, lhes pedia as informações para as comunicar ao médico que não se abeirava dos doentes e tremia só de pensar em ir à enfermaria. Para ministrar os sacramentos, a custo, ia um sacerdote. Por demais, além da doença mortal, eram pessoas em total abandono e solidão das quais nem a própria família se aproximava!» (Crónica da CONFHIC de 1933)*

Com o testemunho de coragem das nossas Irmãs, Deus compassivo e rico de misericórdia fez algo grandioso acontecer: as famílias passaram a aceitar os seus doentes; e Mãe Clara teve a alegria de não ver nenhuma das suas Irmãs contagiadas.

Ainda hoje, por dom e graça do carisma, o Senhor continua a operar maravilhas sobre os calvários da terra, onde, de pé, a exemplo de Maria, continuam as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, a misericordiar, amenizando a dor e as necessidades básicas de tantos irmãos e irmãs que precisam de nós.